A DITADURA DA DÍVIDA

DJACIR MENEZES

Não conheço na literatura nacional livro de mais vibrante patriotismo do que este: a *Ditadura da dívida*, escrito por Bernardo Kucinski e Sue Brandford, em silenciosa e rápida segunda edição. Mas ao cair em nossas mãos o presente depoimento dos dois economistas, percebemos que não fazia jus apenas a breve resenha. O seu conteúdo pedia mais extensão, quer pelo critério do exame feito, quer pelo alcance político e social da hora que vivem os devedores vítimas do banqueirismo internacional.

Comecemos por este resumo, que é uma boa cutilada na inépcia dos governantes latino-americanos: em 1985, viviam na indigência, com renda mensal abaixo de US$ 40 mensais, 150 milhões desses "hispano-hablantes" e lusos, entre os quais 55 milhões de brasilenhos. A imprensa, periodicamente, nos informava acerca da desordenada urbanização, milhões de famílias invadindo grandes cidades, expulsas do campo por culturas mecanizadas ou atraídas por miragens outras. Não vamos repassar aqui a argumentação estribilhada pelos advogados do ruralismo, mas encarecemos a leitura das razões expostas no livro dos autores referidos. Em todos esses países, verifica-se a mesma evasão das crianças na escola primária — e o funil sobre as secundárias. Às superiores cabe o epíteto de elitistas. As tabelas inseridas, que nos parecem idôneas, confirmam isso e muita coisa além disso.

Na segunda parte, agride-nos esta pergunta terrível: "Como foi que a América Latina se tornou prisioneira de uma dívida externa de tal forma desmesurada?" Sim, meus amigos, como foi? Vamos olhar pra trás? O olhar deles esbarra em 73, na primeira alta do petróleo. Ora, deixemos de cavilações. Ainda acadêmico de direito, líamos os denunciantes desse assalto aos bens nacionais, a começar pelo folheto de Alberto Torres intitulado *As fontes da vida no Brasil*. Depois vieram outros escritores — Osório da Rocha Diniz, Geraldo Rocha, Gondin da Fonseca, Matos Ibiapina, jornalistas como Edmar Morel, para citar apenas brasileiros, porque o pan-americanismo já tinha sido desmoralizado desde o libelo de Eduardo Prado.

A história das ditaduras latino-americanas é a história dos fazedores de dívida. A frase não é nossa, é dos autores. Ainda hoje queremos ter acesso ao FMI, para tirar dinheiro para pagar ao FMI, isto é, aos mesmos banqueiros que nos dessangram desde Pedro I. Resume o livro comentado: "Os países latino-americanos têm sofrido crises periódicas de endividamento, precisando injeções de dinheiro, como um leucêmico de transfusões de sangue."

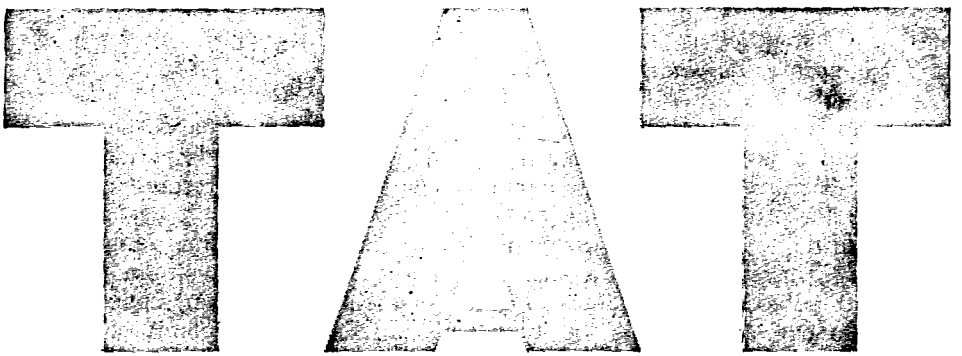
O economista Raul Prebisch, que tentou servir aos devedores por meios lisonjeiros e científicos, acabou declarando que, na década de 50, a América Latina mandou mais dinheiro para o bolso dos banqueiros interessados na nossa saúde financeira do que recebera. Ouçam esta: a América Latina remeteu US$28,4 bilhões em rendas do capital estrangeiro; pois só haviam entrado, como investimento e empréstimo naquele período, US$20,1 bilhões. A perda

de US$ 8 bilhões — advertem os autores — foi uma sangria de quase meio bilhão de dólares, por ano!

Não esqueçamos esta límpida nota da página 133 da *Ditadura da dívida*. Engastemo-la nessas linhas como uma jóia de raro fulgor:

"Os juros extraídos dos países latino-americanos são contabilizados como saídas em suas contas correntes, e como entradas nas contas correntes dos países industrializados, sede dos bancos credores." Leiam o comentário que encerra a página citada — e que Deus os ouça!

E os golpes financeiros contra o Brasil? Estão narrados verticalmente, da página 150 em diante, quando triplicava generosamente nossa dívida externa — um "déficit estrutural", coisa que ainda hei de saber, obstinadamente, o que seja.



Primeiro livro brasileiro que trata da aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT), tema pouco abordado por sua complexidade e profundos conhecimentos teóricos que implica. O material utilizado foi a terceira revisão da série original da Clínica Psicológica de Harvard, composta de 29 lâminas impressas e uma em branco.

A autora, ex-discípula de Helena Antipoff, foi uma das primeiras técnicas que integraram a equipe do Dr. Mira y López com a criação do ISOP — Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, da Fundação Getulio Vargas. Elaborou o presente manual com vários estudos de caso, e explanações teóricas adaptadas à realidade brasileira.



NAS LIVRARIAS DA FGV ou pelo reembolso postal